



24 junho 2024

Solenidade do nascimento de S. João Batista

“Meu filho, dá-me o teu coração!”

(ASE 132)



O mês de junho, habitualmente conhecido pelas festas aos santos populares, liturgicamente, no entanto, a festa que a todas se sobrepõe é a do Sagrado Coração de Jesus. Não deixa de ser original o destaque que Montfort dá nos seus escritos ao Coração de Jesus. Basta ver no ASE, VD e nos Cânticos, entre outros. Os santos são sempre os melhores intérpretes dos seus tempos e pioneiros a abrir caminhos de salvação, e por isso, de

esperança.

Não esqueçamos o contexto religioso e espiritual em que nasceu e viveu Montfort. Todo o século XVII, ficou marcado no começo pelo calvinismo e no final pelo jansenismo, heresias que distorcem a imagem de Deus. A primeira reduz Deus à arbitrariedade absoluta, e a segunda a um impiedoso inquisidor pelas leis que impõe aos crentes, através de um rigorismo moral fazendo deles mais súbditos que discípulos. Como supera Montfort este duplo rolo compressor das almas e das consciências? Valorizando a categoria do Coração de Jesus, que passa a ser central no seu caminho teológico e espiritual.

Na gramática monfortina dois verbos se destacam: conhecer e experimentar; e um substantivo: coração. É no ASE, escrito mais programático e densamente teológico que nos deparamos com o filão central da paixão de Montfort pelo Coração de Jesus, que designará *“torrente impetuosa de bondade infinita de Deus”* (ASE 106). Montfort, homem inquieto, quer conhecer e dar a conhecer o que há na pessoa de Jesus de tão sublime, capaz de elevar a alma e arrebatá-lo o coração, primeiro passo para alcançar a sabedoria. O que há no conhecimento de Jesus de único e incomparável? Concluírá: *“Jesus Cristo é o abismo de toda a ciência”* (ASE 12). Conhecer é descobrir o esplendor e o sublime da pessoa de Jesus Cristo (cf. ASE 20). Em Cristo, Montfort descobre-se amado, mas por um amor verdadeiro, sem limites, gratuito, que deixa livre: *“Eu vos amo. Será que deveríeis ter medo porque sois pecadores? Mas é a vós mesmo que eu procuro. Eu sou amigo dos pecadores.”* (ASE 70).

O conhecimento não é apenas teoria, ideia, mas experiência, vivência: *“Se experimentássemos a felicidade interior que provoca na alma o conhecimento da beleza da Sabedoria...um saborear no coração aquela doçura infinita que é a alegria e a felicidade do Pai eterno.”* (ASE 10) Se experimentássemos...eis um caminho tão libertador, fascinante e motivador para o ser humano, tão diferente daquele imposto pelo jansenismo e calvinismo. Este percurso espiritual e esta visão de Deus permitem vencer a banalidade, a insignificância, o vazio e a falta de sentido da vida, fazendo da fé um enamoramento espiritual, corações que se encontram.

O fascínio por Cristo advém do Seu Coração que Montfort situa no mistério pascal: *“A cruz é a prova mais segura do amor a Deus, já que foi essa a prova que o próprio Deus usou para provar o seu amor para com os homens”* (ASE 176). Como não amar um coração assim? *“Ela (sabedoria) amou-nos e ama-nos mais do que à sua própria vida, e a sua beleza e doçura ultrapassam tudo quanto existe de*

belo e doce tanto no céu como na terra” (ASE 131). Só quem se experimenta amado é capaz de falar assim. Para Montfort toda a história da salvação é o registo do pulsar do Coração de Deus que cheio de alegria ama o ser humano e não desiste de salvá-lo.

Na contemplação dos escritos monfortinos também aprendemos a conhecer e a mergulhar na imensidão do Coração de Jesus e a consagrar-lhe, em troca, o dom irrevogável do nosso.

*“Eu quisera ter tantas lágrimas
Quantas são as gotas do mar!
Vejo tantos carregando armas
Contra o Coração que é preciso amar!”*
(Ct 47, 19)

Pe. Amílcar Tavares,
Superior da Delegação

D. Rui Valério
Patriarca de Lisboa

No V centenário do nascimento de Luís de Camões

Nestes tempos, fará bem aos portugueses regressar a Camões: ele não é um simples poeta da corte portuguesa, é capaz de lançar um olhar crítico sobre a sociedade do seu tempo. É de certo modo profético



04 jun. 2024

Neste ano de 2024 comemoram-se os quinhentos anos do nascimento do poeta Luís Vaz de Camões: como Patriarca de Lisboa quero prestar homenagem a este grande da nossa história e da nossa literatura. As suas letras permanecem hoje vivíssimas, como convite à reflexão sobre a natureza e o amor, sobre o homem e o seu lugar no mundo, sobre Portugal e os portugueses. Se é contado entre os poetas mais importantes da história da humanidade, também é importante que não se torne apenas uma estátua ou um monumento que olhamos sem compromisso. Importa entrar na sua obra literária e deixar que a sua arte toque a nossa consciência.

Em primeiro lugar, Camões oferece um sentido da história radicado na memória: «*O rude canto meu, que ressuscita / As honras sepultadas, / As palmas já passadas / Dos belicosos nossos Lusitanos, / Pera tesouro dos futuros anos, / Convosco se defende / Da lei lesteia, à qual tudo se rende*» (Ode a D. Manuel de Portugal). Camões é não só um poeta do amor, mas também um poeta da natureza e, assim, um filósofo que medita sobre a realidade em torno de si: «*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, / Muda-se o ser, muda-se a confiança; / Todo o mundo é composto de mudança, / Tomando sempre novas qualidades*» (Soneto 52). Em Os Lusíadas, os vários planos que se cruzam – os heróis da viagem até à Índia, os heróis da história de Portugal e os deuses da mitologia – tecem uma trama em que a realidade presente – a viagem marítima –

funda-se e continua uma memória – história de Portugal – e aponta para a metafísica – os deuses. «*Eu canto o peito ilustre lusitano*» (Os Lusíadas, I, 3): a poesia camoniana não é somente uma exaltação, é também um exame de consciência. O que os portugueses foram, mas também aquilo que podem ser. Camões oferece uma leitura do sentido da história e da memória: os acontecimentos passados não estão fechados no pretérito, mas impulsionam e conduzem os portugueses, do tempo de Camões e também dos nossos tempos.

Em segundo lugar, decorrente do sentido da história, nasce a valorização da portugalidade integrada e interpretada numa mundivisão mais ampla. Isto é particularmente notório nas palavras que coloca na boca do Santo Condestável, n'Os Lusíadas (IV, 14-19). «*Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte / De Português, e por nenhum respeito, / O próprio Reino queira ver sujeito*» (15): ser português não é somente uma circunstância territorial de nascimento, mas um património espiritual profundamente radicado na história. A portugalidade é, assim, antes de mais, um enraizar-se não numa sucessão de acontecimentos, mas numa linha condutora, que compagina ação e espiritualidade, alma e sangue. Voltando aos feitos de Nuno Álvares Pereira, isso é notório quando coloca acima dos laços de sangue, os vínculos ao rei e a Portugal: «*Eis ali seus irmãos contra ele vão / (Caso feio e cruel!), mas não se espanta, / Que menos é querer matar o irmão / Quem contra o Rei e a Pátria se levanta*» (IV, 32). Desde o início da nacionalidade, com D. Afonso Henriques, encontramos na história portuguesa um desígnio. Este desígnio não nos torna melhores que os outros, mas faz-nos reconhecer uma responsabilidade que nos é dada e à qual devemos corresponder com vida e coração. N'Os Lusíadas conseguiu traduzir esse sentimento da portugalidade: elogia pessoas particulares, mas o enlevo é dado aos portugueses: «*E aqueles que por obras valerosas / Se vão da lei da Morte libertando*» (Os Lusíadas, I, 2). Nestes se condensa o sentido da portugalidade: celebrar o 10 de Junho não pode ser apenas contar com mais um feriado, mas tem de ser uma celebração da nossa história, da nossa língua, da nossa identidade.

Há um terceiro aspeto em que encontramos a admirável atualidade de Camões: ele transporta em si aquele humanismo profundo da sua época e da sua cultura: um amor pelo homem universal. No entanto, não é um amor genérico, ou uma boa intenção: é um amor concreto, especificado no povo português. Consegue fazer a admirável síntese entre geral e particular, entre universal e local, que tanta falta faz nos nossos dias. Síntese que acontece na cultura e na arte: «*Sem vergonha o não digo, que a razão / Dalgum não ser por versos excelente / É não se ver prezado o verso e rima, / Porque quem não sabe arte, não na estima*» (Os Lusíadas, V, 97). No entanto, este amor pela humanidade só se pode compreender à luz do Cristianismo que professa e vive. Alguma crítica pretendeu apresentar a fé de Camões apenas como algo circunstancial, pela sociedade da sua época. No entanto, é impossível que a forma como capta o mistério cristão com arte e com alma seja apenas circunstancial, como encontramos no soneto «*Verdade, amor, razão, merecimento*»: «*Cousas há i que passam sem ser cridas, / E cousas cridas há sem ser passadas. Mas o melhor de tudo é crer em Cristo*». Ou então, a respeito do sentido da forma como Deus guia a história: «*Ocultos os juízos de Deus são; / As gentes vãs, que não nos entenderam, / Chama-lhe fado mau, fortuna escura, / Sendo só providência de Deus pura*» (Os Lusíadas, X, 38). O Cristianismo conduz ao amor pela pessoa concreta e pelo desígnio de Deus em relação à nação. Sem a fé cristã não se pode compreender o amor pela humanidade.

Nestes tempos – «ricos em técnica, mas pobres em humanidade», como escreveu o Papa Francisco –, fará bem aos portugueses regressar a Camões: ele não é um simples poeta da corte portuguesa, mas é capaz de lançar um olhar crítico sobre a sociedade do seu tempo. É, de certo

modo, profético, porque através dos acontecimentos e das atitudes dos seus contemporâneos, é capaz de reconhecer que não estavam a corresponder a um ideal mais alto, que a memória portuguesa reclama. «Entraram pela foz do Tejo ameno, / E à sua Pátria e Rei temido e amado / O prémio e glória dão porque mandou / E com títulos novos se ilustrou» (Os Lusíadas, X, 144): nestes quinhentos anos do nascimento de Luís de Camões, as suas letras permanecem hoje vivas e fortes. Continua a ser um apelo aos portugueses a ultrapassarem visões redutoras sobre si próprios e sobre a sua história. A síntese entre memória e desígnio, entre história e metafísica, entre teologia e filosofia, é um convite a redescobrir Camões, mas também a redescobrir Portugal.

(cortesia do jornal Observador)

A Caminhada da Fé, acolhendo a Graça de Deus



Não é sempre fácil descrever uma experiência. Ao mesmo tempo, a felicidade e a graça nunca são vividas num espaço estreito e isolado. São vividas e celebradas. Por isso, tem de ser

partilhada. Quando cheguei a Fátima, sempre tive o desejo de fazer parte de um grupo de peregrinos que percorria o caminho da fé em união, amizade e alegria. Graças a Deus, no dia 8-12 de maio de 2024, tive a bênção de fazer parte de um maravilhoso grupo de cerca de 50 peregrinos, organizado pelo Agrupamento 879 dos Escuteiros da Paróquia de Póvoa Santo Adrião e Olival Basto.

A peregrinação a Fátima dá sempre uma sensação nova, diferente e transformadora para quem a faz, mesmo para quem já a fez muitas vezes. Embora longa e cansativa, a peregrinação a Fátima atrai sempre muitos peregrinos todos os anos. Os peregrinos encontram sempre algo de novo e diferente em cada passo ou etapa, em cada atividade e em cada dia. É um caminho de fé que se reflecte na luz da presença, da providência e do amor de Deus. Quem sabe acolher a presença e a força de Deus é sempre capaz de olhar de forma diferente para cada passo ou etapa do seu percurso de vida. À luz da fé, a peregrinação conduz sempre ao encontro e à união com Deus, a Vida. Por isso, nesta caminhada da fé, a Eucaristia, a reflexão e a meditação da Palavra de Deus, o Rosário e outras orações ocupam um lugar central. Cada peregrino toma consciência e vive a sua total dependência de Deus. Ao mesmo tempo, apesar de cada um ter a sua missão, intenção e promessa, todos pertencem ao grupo. Ninguém caminha e se esforça sozinho. Todos fazem parte de um grupo, caminhando juntos, ajudando-se mutuamente e partilhando sonhos e lutas, esperanças e sofrimentos para se encorajarem e se ouvirem

uns aos outros. É a fé que nos une no mesmo espírito, nos mesmos passos e nas mesmas lutas. O amor e a providência de Deus, através da aparição da Nossa Senhora aos três pastorinhos, levou-os a deixar para trás muitas coisas, família, trabalho e conforto, levando consigo sonhos e esperanças, feridas e sofrimento. Aprendi com eles que nada é fácil e instantâneo na vida, marcada pelas lutas e sacrifícios, dor e cansaço. No entanto, a confiança no amor e na providência de Deus estabiliza cada passo, recupera cada cansaço, apaga a tristeza, elimina cada dúvida. Na união, na amizade e na alegria, encontramos a força para prosseguir na vida.

Ao longo da jornada, fomos desafiados a descobrir as pedras que impedem e bloqueiam o nosso encontro com Cristo Ressuscitado. As dinâmicas, reflexões e orações do dia a dia ajudaram-nos a descobri-las, a conhecê-las e a reconhecê-las para que, com a graça de Deus, pudéssemos acolher a graça, a misericórdia e a força de Deus na nossa vida.

Chegámos ao santuário de Fátima e fomos acolhidos por Nossa Senhora e por milhares de peregrinos. O dor e a alegria, a luta e a vitória, a dor e a luta fundiram-se num grito de alegria. A alegria de experimentar o amor de Deus na nossa peregrinação. Alegria que nos desafiou a estarmos abertos ao projeto e à vontade de Deus nas nossas vidas, a estarmos mais empenhados no nosso próprio trabalho e vocação. Alegria que nos exige um maior empenhamento na nossa fé e na Igreja, num espírito de entrega, ao serviço de Deus e da sua Igreja.

P. Saferinus Njo

COMUNICAÇÕES - INFORMAÇÕES

✦ No próximo dia 29 de junho, solenidade dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo, na basílica vaticana, em Roma, o Sr. Patriarca de Lisboa, D. Rui Valério, receberá o pálio de Arcebispo metropolitano das mãos do Papa Francisco. O P. Saferinus irá participar desse momento celebrativo, representando a nossa Delegação e a paróquia da Póvoa de Sto. Adrião. Auguramos ao Sr. Patriarca um frutuoso ministério, também como Arcebispo da Província Eclesiástica do Centro. Os Apóstolos Pedro e Paulo, S. Luís de Montfort e Nossa Senhora da Sabedoria, sejam seus intercessores nessa sua nova missão de tanta responsabilidade.

✦ No passado dia 12 de junho o P. Miguel deixou a comunidade monfortina da Póvoa de Sto. Adrião rumando à arquidiocese de Braga. Nos dias 15 e 16 de junho 2024 assumiu o ofício de administrador paroquial das paróquias de Airó, Bastuço, Moure e Sequeade, no arciprestado de Barcelos, conforme nomeação arquiépiscopal do dia 11 de junho 2024. Passou a residir na casa paroquial de Airó. Terminou assim a sua presença na missão da nossa Delegação, iniciando uma nova etapa rumo à incardinação na arquidiocese de Braga. Acompanhemos o P. Miguel neste processo com a nossa oração confiando a sua pessoa e o seu ministério a Nossa Senhora.

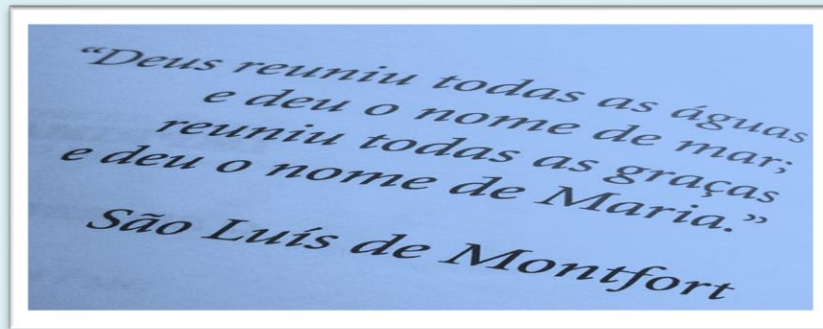
Aqui vai o seu novo endereço de residência: Rua de São Jorge 143, CEP: 4755-012 Airó

✦ No dia 3 de junho ocorreu um encontro do Sr. Bispo de Leiria-Fátima, D. José Ornelas, a pedido deste, com o Superior da Delegação e que contou com a presença dos padres Luís Ferreira e Luís Oliveira auscultando a abertura da Delegação para

colaborar na nova reorganização paroquial da diocese através das unidades pastorais, à semelhança com o que já tinha feito com outras congregações. Quando chegar o momento serão dados novos detalhes.

✦ O ofertório da missa da festa de S. Luís de Montfort, celebrada este ano na igreja de Nossa Senhora da Anunciação da Póvoa de Sto. Adrião, e que rendeu 670 €, foi destinado para as missões monfortinas no Brasil através do P. Luciano Andreol. Bem-haja a todas as pessoas que colaboraram e à Paróquia da Póvoa de Sto. Adrião e Olival Basto em especial.

.....



ENDEREÇOS DOS MISSIONÁRIOS MONFORTINOS EM PORTUGAL

✦ Página Web: www.monfortinos.pt

✦ Youtube: <https://bit.ly/3jzPbCw> ou https://www.youtube.com/results?search_query=monfortinos+em+portugal

✦ Facebook: <https://bit.ly/3np879a> ou <https://www.facebook.com/groups/monfortinosportugal>